

21. Incarnar a misericórdia

"Orar, no amor de Cristo, pelos inimigos.

Voltar à paz, antes do pôr-do-sol, com aqueles com quem teve desavença.

E nunca desesperar da misericórdia de Deus" (RB 4,72-74).

São Bento, no fundo, nos pede para não separar o amor de Cristo da misericórdia do Pai. E nos pede para não separá-los do contexto das relações com o nosso próximo, do inimigo mais longe ao irmão ou irmã com quem discordamos em nossa comunidade. É como se nos pedisse para permitir a Cristo penetrar o mundo humano, com a Comunhão Trinitária.

Lembro-me de uma frase da Encíclica *Redemptoris missio*, dedicada à missão, de S. João Paulo II: "Cristo é a revelação e a encarnação da misericórdia do Pai. A salvação consiste em crer e acolher o mistério do Pai e do Seu amor, que se manifesta e oferece em Jesus, por meio do Espírito" (§ 12).

Jesus Cristo é a misericórdia de Deus que vem nos salvar, a Divina Misericórdia que se revela, encarna, manifesta, doa, através do dom do Espírito, no seio de Maria e da Igreja. Tudo aquilo que devemos entender, escolher, acolher, para viver o mistério da misericórdia de Deus, devemos entendê-lo, escolhê-lo e acolhê-lo em Cristo, na relação com Ele, deixando-nos amar por Ele e amando-o, como Pedro, que teve que aceitar que Jesus o amasse, até lavasse os seus pés e morresse na Cruz, e Jesus pede em troca ser amado, do profundo de sua miséria e da fragilidade que o levou a negá-lo.

Aqui devemos pensar em um outro lugar da Regra onde São Bento nos fala da misericórdia de Deus: quando depois de lavar os pés dos hóspedes, o abade e a comunidade são convidados a cantar o versículo do Salmo 47: "*Suscepimus, Deus, misericordiam tuam in medio templi tui* – ó Deus, recebemos a tua misericórdia no meio do teu templo" (Sl 47,10; RB 53,13-14).

Na Carta de Pentecostes 2016, sublinhei o fato que com o canto deste versículo, São Bento nos faz entender que o mosteiro é, na sua opinião, o "templo da misericórdia de Deus", e que é este o principal serviço que podemos oferecer ao mundo.

À luz dos versículos do capítulo 4, que estamos meditando, podemos também entender, que é fazendo a experiência do amor de Cristo no lava-pés, símbolo e realização da Eucaristia, que podemos fazer experiência da misericórdia do Pai, que nos enche de esperança. O lava-pés é o amor de Cristo por nós, mas também o amor de Cristo em nós, amor que Ele nos pede, como a Pedro e aos outros apóstolos, quando nos pede de amarmos uns aos outros, como Ele nos ama. No lava-pés "temos parte" (Jo 13,8) com Ele, estamos unidos a Ele pela misericórdia do Pai, e podemos, assim, participar de seu amor pelos irmãos, pelo mundo inteiro, e, portanto, da misericórdia com a qual o Pai quer abraçar toda a humanidade.

Lavar os pés, significa preferir o amor de Cristo a nós mesmos. É o símbolo de todo ato de caridade que se abaixa para servir o outro, mortificando o nosso orgulho, a nossa necessidade de ser "maior" que outros, de ser melhor que o outro. Lavar os pés significa superar o próprio interesse, o próprio benefício. É a encarnação do humilde amor de Cristo, aquele que Ele nos amou por primeiro, morrendo por todos na Cruz. E é através deste amor que a misericórdia do Pai nos alcança e se difunde pelo mundo. É através deste humilde amor que nos alcança e se difunde o Espírito Santo, o Espírito de Pentecostes, como na Virgem Maria.

A misericórdia de Deus Pai, na qual podemos sempre esperar, nos alcança quando "no amor de Cristo, rezamos pelos nossos inimigos" (cf. RB 4,72), isto é, quando nos unimos à oração do Crucificado que perdoa as dívidas de todos pecadores para com Deus: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem" (Lc 23,34).

São Bento tinha uma forte consciência que esta é a oração fundamental que devemos fazer, aprender. Ele mesmo, vocês se lembram?, reagiu à tentativa de envenenamento dos monges de Vicovaro, com uma oração que pedia a misericórdia de Deus para eles: "Levantou-se imediatamente e, com o rosto afável e ânimo tranquilo convocou os monges, dirigindo-os estas palavras: 'Deus onipotente tenha misericórdia de vós, irmãos, porque queres fazer-me isto?'" (São Gregório Magno, *Diálogos* II,3)

Bento se levanta para rezar, como no final de sua vida quis morrer de pé, depois de receber o Corpo e o Sangue de Cristo, para permanecer em seu amor, com as mãos levantadas na posição orante, que intercede diante de Deus pelo mundo: "Permaneceu em pé, com as mãos estendidas para o céu (*erectis in coelum manibus stetit*), e exalou o último suspiro entre as palavras da oração (*et ultimum spiritum inter verba orationis efflavit*)" (Diálogos II,37).

Quando Bento disse: "Deus onipotente tenha misericórdia de vós, irmãos," expressa ao mesmo tempo, uma oração de intercessão e uma bênção. Dirige-se, contemporaneamente, a Deus e aos seus inimigos. Dirige-se ao mesmo tempo ao Pai e aos irmãos, como Jesus. No fundo, devemos sempre falar assim com os outros, dizendo palavras cheias de intercessão e bênção, palavras de misericórdia implorada e doada, mendigada à Deus e imediatamente transmitida aos outros, aos irmãos, irmãs, inimigos. Toda a nossa oração pessoal e comunitária, todas as nossas liturgias, o Ofício Divino e as nossas meditações sobre a Palavra de Deus, deveriam formar em nós esta contemporaneidade da relação com o Pai e da relação com os irmãos, esta contemporaneidade de oração e bênção, como na oração e bênção do próprio Cristo. E seria sempre uma oração e uma bênção de misericórdia, vividas na fé e na esperança certa na misericórdia do Pai, para conosco e para com os outros.

Por isso, parece-me importante aprofundarmos a meditação da misericórdia na Regra, no âmbito da oração, a qual São Bento deseja nos educar.